

Manoel Bomfim, Intérprete do Brasil (2)

Homero de Oliveira Costa

Jornal de Hoje 09.05.2008

Para compreender as causas do nosso atraso, cujas raízes estão no processo de exploração colonial, Bomfim faz uso de uma metáfora biológica (“parasitismo social”) como base de sua interpretação. É necessário acrescentar que, conhecedor e seguidor das concepções evolucionistas de Darwin, ele tinha consciência de que não se pode assimilar em tudo e por tudo as sociedades aos organismos biológicos. Um dos seus grandes méritos, naquele momento, era não apenas fazer uma defesa do darwinismo, mas também fazer duras críticas às apropriações indébitas das concepções de Darwin, como o chamado “darwinismo social”, que servia de pretexto para a exploração das colônias.

Fundamentalmente, ao olhar para a América Latina, ele afirma que para estudar uma nacionalidade (e/ou suas classes sociais) e compreender os motivos pelos quais ela se apresenta dessa ou daquela maneira, temos de analisar não só o meio em que se acha localizada, mas seus antecedentes.

Uma nacionalidade, diz ele, “é produto de uma evolução, portanto, seu estado presente é resultante da ação do seu passado”.

O mesmo sucede com os organismos biológicos. Se, num espaço ou meio muitas vezes restrito, único, homogêneo, podemos encontrar organismos de uma diversidade infinita é porque estes não dependem apenas do meio, mas também das condições e formas anteriores que a hereditariedade conserva. E é preciso compreender como isso ocorre.

Assim, para compreender o presente (e propor alternativas) ele se volta para o passado, ou seja, a herança colonial, e procura mostrar com sólidas bases que o atraso econômico, social e político do continente não se deve a uma suposta inferioridade do seu povo, mas à exploração. A metrópole e seus aliados atuam como um parasita, com as óbvias conseqüências para o parasitado (no livro ele

dá alguns exemplos de como os colonizados, em alguns momentos, defendiam os interesses dos colonialistas-parasitas...).

A meu juízo, um dos grandes méritos do livro *América latina: males de origem*, além de procurar demonstrar que as causas do atraso estão na dominação e exploração colonial – que têm a escravidão como base e fundamento (quem antes dele disso isso?) – é a denúncia do racismo científico, num momento em que a intelectualidade brasileira (ou parte dela) estava profundamente imbuída dessas concepções. Desde pelo menos 1880, como afirma Renato Ortiz, o racismo científico dominou o debate político e cultural brasileiro, com autores como Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha “precursores das ciências sociais no Brasil e produtores de um discurso paradigmático do período”.

No início do século XX, Manoel Bomfim qualificava as teorias racistas de “ciência barata”, aplicada à exploração dos fracos.

Para Bomfim, a mestiçagem era um elemento regenerador, renovador, não causa do entrave para o desenvolvimento do país. Como afirma Darcy Ribeiro “antes de Gilberto Freyre aprender isso em Nova York, Manoel Bomfim dizia que o problema não estava na raça, mas na escravidão”¹. Para ele não era o clima, nem a raça, nem a religião que explicava o atraso do Brasil e da América Latina, mas a exploração.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html



www.dhnet.org.br

¹ Ribeiro, Darcy. Op.cit.introdução.